



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - INGLÊS**

**ISABELLY DE OLIVEIRA**

**AMOR, ÓDIO E MORTE: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM FREDERICO  
CLEGG NO ROMANCE *O COLECIONADOR* DE JOHN FOWLES**

**GUARABIRA  
2019**

ISABELLY DE OLIVEIRA

**AMOR, ÓDIO E MORTE: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM FREDERICO  
CLEGG NO ROMANCE *O COLECIONADOR* DE JOHN FOWLES**

Trabalho monográfico de conclusão de curso apresentado ao departamento do Curso Letras – inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Língua - Inglesa.

**Área de concentração:** Literatura e psicanálise.

**Orientadora:** Profa. Ma. Joana Dar’k Costa.

**GUARABIRA  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48a Oliveira, Isabelly de.  
Amor, ódio e morte: [manuscrito] : Uma análise do personagem Frederico Clegg no romance *O colecionador* de John Fowles / Isabelly de Oliveira. - 2019.  
48 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Ma. Joana Dar'k Costa, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."  
1. Amor. 2. Obsessão. 3. Dor. 4. Morte. I. Título  
21. ed. CDD 410

ISABELLY DE OLIVEIRA

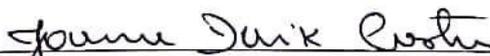
AMOR, ODIO E MORTE: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM FREDERICO CLEGG  
NO ROMANCE *O COLECIONADOR* DE JOHN FOWLES

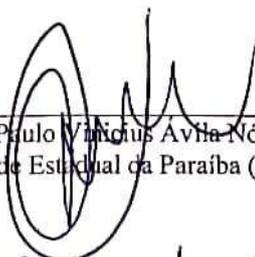
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a coordenação do curso letras – inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Língua - Inglesa.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 27/11/2019.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Ma. Joana Dar'k Costa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Paulo Vinícius Avila Nóbrega  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dra. Verônica Pessoa da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todos que contribuíram com a minha jornada seja no meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

## AGRADECIMENTOS

Minha gratidão vem a princípio da oportunidade que ganhei em ingressar na licenciatura de Letras – Inglês pelo Sisu, na Universidade estadual da Paraíba (UEPB), Campus III – Guarabira. Este foi o caminho para poder conquistar tudo que aprendi, e por isso sou grata a aprendizagem acadêmica e profissional que a UEPB me ofereceu em questão de ensino, pesquisa e extensão.

Realizar o curso de graduação em Licenciatura Plena de Letras – Inglês foi um desafio e uma busca constante de tentar se qualificar as exigências acadêmicas e do mercado de trabalho. No todo, um ensino superior eleva o conhecimento de mundo do sujeito ao ponto de sair do senso comum e se tornar crítico.

Felizmente, toda a disposição, paciência e perseverança, para mim, provém das pessoas que passaram ou que estão presentes na minha vida, acreditando e me ajudando em todas fases da minha jornada.

Agradeço a Deus que alimenta a minha fé em todos os momentos com seu amor infinito, me fornecendo todo o amor do mundo com pessoas que gostam muito de mim e se importam em estar sempre presentes na minha vida. Sou grata também pela saúde, paz e felicidade que Deus proporciona fazendo dessa vida algo agradável.

Agradeço a minha mãe Socorro, meus irmãos e toda a minha família que esteve presente e torcendo para que esse momento chegasse. Entre amigos, os que sempre estiveram me dando forças, tenho a agradecer a Kelly, Rayanne, Kauanne, Rafaela e Vitória por estarem comigo desde o Ensino Médio. Agradeço aos amigos que passaram pela minha vida e me ajudaram de todas as formas, sendo eles: Meire, Everaldo, Harlane, Franciele, as Lilianes, Bruna, Erica, Andy, Sheila e Marly.

Nessa jornada de vida acadêmica, sou grata a Eliza, Carol, Gerciane, Tamira, Kalini, Cidinha, Josinaldo, Marcelo, Michael e Egídio, por me ajudarem a crescer como pessoa. Alguns funcionários como Kleber e Marciele me foram muito solícitos. Aos professores do curso de Letras - Inglês, sou grata a Vilian, Auricélio e William, por terem contribuído para a minha criticidade e aptidão literária. Também sou grata a Clara, David, Leônidas, as Verônicas, Luana, Caroline, Carol e a Isabela, que são professores que sempre estiveram presentes na minha vida acadêmica.

Esse trabalho monográfico de TCC tem um agradecimento inicial ao professor Auricélio por fornecer orientação na cadeira de pesquisa aplicada. A ele sou grata por ter me dado o devido apoio para que eu compreendesse a dimensão da pesquisa na área da

literatura e assim pudesse analisar personagens e seus comportamentos. Este foi o professor que acreditou no meu potencial para a literatura, me emprestou tantos livros, fez eu ler tantos outros e sempre me ajudava a crescer academicamente e emocionalmente. Um excelente profissional e amigo com as mais ternas palavras.

Para que esse trabalho pudesse se concretizar não foi fácil encontrar alguém da área de psicologia. Portanto, agradeço a professora Verônica Pessoa, por ter me apresentado a melhor orientadora que eu poderia ter. A professora Joana, por ser da área da Psicologia, facilitou a análise e orientou de uma forma que me permitiu dar profundidade ao estudo. A Verônica, minha imensa gratidão por contribuir em grande parte com os ensinamentos pedagógicos aos quais me levaram a perceber a importância de uma educação libertadora.

Em síntese, agradeço a minha orientadora Joana Dar'k, ela foi a mais incrível das professoras que tive o prazer de conhecer. É realmente agradável quando descobrimos que existem pessoas capazes de oferecer a melhor orientação possível para que a pesquisa se realize. Joana, me deu suporte com todos os livros da área e acompanhou minhas leituras estando presente com uma dedicação exemplar e sendo sempre carismática, cheia de dedicação e paz interior.

Passa a ser com esse sentimento de gratidão que mais um ciclo da minha vida se encerra, assim, vejo que é fundamental continuar pesquisando e ler cada vez mais. Ter encontrado um diálogo entre o campo da literatura e a psicanálise foi descobrir a essência da minha vida. E isto se dá pelo fato da literatura ter despertado em mim uma paixão multidimensional pela psique humana.

*“Se a insatisfação é viva mas suportável, o desejo continua ativo e o sistema psíquico continua estável. Se, ao contrário, a insatisfação é demasiado penosa, o desejo perde o seu eixo e a dor aparece”*

(NASIO)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar, sob o olhar da Psicanálise, o comportamento e os conflitos psíquicos do personagem Frederico Clegg no romance *O colecionador* (1980), do escritor inglês John Fowles. A metodologia dessa pesquisa é bibliográfica, qualitativa e interpretativa. Trata-se de uma análise literária tendo em vista que nossa pretensão é analisar o comportamento do personagem Frederico Clegg com base nas contribuições de teóricos que em suas pesquisas e elaborações enfocaram a dor de amar e de perder o ser amado, como: Sigmund Freud (1996), Juan David-Nasio (2007), Marina Colasanti (1984) e Maria Rita Kehl (1987). O romance retrata a dor psíquica do personagem Frederico que por amar a personagem Miranda e não ser correspondido, trama um rapto e confinamento da amada na esperança de conquistá-la e tê-la como esposa. O amor dele torna-se cada vez mais obsessivo e passa a agir de forma cruel e perversa, recorrendo a castigos e punições por ser rejeitado e ter seu plano de casar com ela, fracassado. E assim o personagem é incapaz de ajudar sua amada a se recuperar de um resfriado, deixando-a a morrer por medo de perder para outra pessoa. Logo, o personagem passa a buscar em outra jovem o amor que não conseguiu com Miranda, agindo da mesma forma para suprir sua dependência afetiva, que supomos ter sido originada pela falta de amor e segurança dos pais nos seus primeiros anos de vida.

**Palavras-Chave:** Amor. Obsessão. Dor. Morte.

## ABSTRACT

This present work aims to analyze, under the perspective of psychoanalysis, the behavior and psychic conflicts of the character Frederico Clegg in the novel *O coleccionador* (1980), by the English writer John Fowles. The methodology of this research is bibliographic, qualitative and interpretative. This is literary analysis considering that our intention is to analyze the behavior of the Frederico Clegg based on the contributions of theorists who in their research and elaborations focused on the pain of loving and losing one's beloved, such as: Sigmund Freud (1996), Juan David-Nasio (2007), Marina Colasanti (1984) and Maria Rita Kehl (1987). The novel portrays the psychic pain of the character Frederico who, because loving the character Miranda and does not being reciprocated, he plot a kidnapping and confinement of the beloved hoping to win her over and have her as his wife. His love becomes more and more obsessive and acts cruelly and wickedly, resorting to punishment for being rejected and having his plan to marry her failed. Then, the character is unable to help his beloved recover from a cold, leaving her to die for fear of losing her to someone else. Quickly the character search to another young woman to supply the love that he could not have with Miranda, acting in the same way to supply her affective dependence, which we suppose it was originated by the parents' lack of love and security in his early years of life.

**Keywords:** Love. Obsession. Pain. Death.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2</b>	<b>O AMOR SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE</b> .....	15
2.1	O AMOR E SUAS DORES.....	16
2.2	REFLEXO DO NARCISISMO PRIMÁRIO NA VIDA ADULTA.....	24
<b>3</b>	<b>AS MÚLTIPLAS FACES DO AMOR DE FREDERICO CLEGG</b> .....	29
3.1	VIDA E OBRA DE JOHN FOWLES.....	30
3.2	O AMOR DE FREDERICO POR MIRANDA E A TENTATIVA DE TÊ-LA A QUALQUER PREÇO.....	31
3.3	A DOR DE AMAR: A MORTE COMO SOLUÇÃO.....	36
3.4	A PERDA, O LUTO E A TENTATIVA DE REENCONTRAR MIRANDA EM OUTRA MULHER .....	45
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	52
	<b>ANEXO A – DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS</b> .....	

## 1 INTRODUÇÃO

Ao refletirmos sobre o trajeto da humanidade dos tempos remotos a contemporaneidade, podemos nos deparar com uma evolução dos seres que vivem em busca de realizar os seus desejos e sonhos. Desejos oriundos de suas necessidades básicas, vontades momentâneas, fantasias ilusórias e pensamentos gerados de diversas situações, sejam elas afetivas, culturais, sociais, religiosas, espirituais, políticas e econômicas.

Muitas vezes somos levados a colocar certos desejos como prioridade em nossa vida, desconsiderando outras possibilidades ou mesmo o contexto ideal para a realização. Freud (1996) ao analisar a subjetividade humana identificou na dinâmica da mente a existência de um conflito entre os desejos do sujeito e as barreiras impostas socialmente.

A propósito, ao falarmos sobre as relações interpessoais é inevitável adentrarmos nos sentimentos humanos, sejam eles de amor, alegria, paz, ódio, tristeza, desejo ou sonhos. Podemos supor que o amor pode ser o mais antigo entre os sentimentos, tendo em vista que os textos bíblicos e gregos já abordavam essa temática como fonte principal das relações humanas. De fato, no ciclo da vida, o amor é a essência e um dos grandes sentidos da existência, e por isso, tem sido um tema amplamente estudado na história da humanidade.

Na tentativa de enriquecer e ampliar o debate acerca do amor e os conflitos que atravessam as relações afetivas, situamos esse estudo cujo objetivo geral é analisar o comportamento e os conflitos psíquicos do personagem Frederico Clegg no romance *O colecionador* (1980), de John Fowles.

Como objetivos específicos, buscamos compreender as múltiplas faces do amor e da dor de amar do personagem sob a luz da Psicanálise; além de destacar o comportamento neurótico e o amor obsessivo pela personagem Miranda; para assim analisar os traços de perversão, crueldade e agressividade utilizados pelo personagem por não suportar a rejeição e o desprezo da amada. A nossa pretensão é tentar compreender o amor patológico do personagem que por não suportar a dor de ser rejeitado, passa a agir de forma cruel apresentando traços de perversão.

Desse modo, passamos a ter como problema a busca do motivo que levou o personagem Frederico Clegg a se comportar cruelmente com sua amada. Poderia estar relacionado a rejeição e o abandono que a mãe do personagem realizou na infância dele com o seu comportamento perverso, ao ponto de aprisionar e confinar a amada para mais uma vez não ser abandonado na vida?

No romance, encontramos um homem que ao se apaixonar pela jovem Miranda, decide raptá-la e aprisioná-la, porque não se considerava capaz de conquistá-la a partir de um relacionamento saudável. Por outro lado, por ser um homem cheio de medos e insegurança, ele se torna o seu próprio obstáculo. Após o rapto, a relação deles se torna insuportável porque o sentimento da jovem por ele era marcado pelo desprezo, indiferença, medo e ódio ao ponto de sua amada não suportar a vida no confinamento e morrer.

Nesse estudo buscamos adentrar no mundo subjetivo de Frederico frente ao amor, no romance em questão. E buscamos compreender à luz da Psicanálise como o personagem ao se sentir rejeitado, desamado e incapaz de conquistar o amor de sua vida, torna-se um ser sem limites inconsequente e perverso em sua forma de agir.

Na realização desse estudo utilizamos como ferramentas teóricas as considerações teóricas de Marina Colassanti (1984) acerca do amor. Fundamentamo-nos também na abordagem psicanalítica, e mais, especificamente, nos autores que aprofundaram a discussão acerca do amor e suas dores: Sigmund Freud (1996), Maria Rita Kehl (1987) e Juan-David Nasio (1997).

Este estudo está dividido em dois capítulos, no primeiro capítulo temos uma fundamentação teórica ancorada nas ideias de Colassanti com a obra *E por falar em amor* (1984); em seguida por Nasio com *A dor de amar* (2007); e por Kehl com a sua contribuição no livro *Os sentidos da paixão* (1987).

Quanto ao segundo capítulo, temos uma análise do romance *O colecionador* (1980), mais especificamente, do amor patológico do personagem Frederico por Miranda e dos atos de crueldade e perversão que ocorrem em virtude do fato de amar e não ser amado como desejava.

Nessa via, chegamos a supor que o personagem Frederico teve uma infância desestruturada emocionalmente por ter sido rejeitado e abandonado pela mãe ainda criança, e esse abandono pode justificar a busca desenfreada de suprir a sua dependência amorosa. Com isso, pode se subjugar que o amor do personagem era um amor doentio e por ser perverso e agressivo, não media esforços para realizar fantasias sexuais mascaradas em uma imagem de amor puro e salvador.

**CAPÍTULO I**  
**O AMOR SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE**

## 2.1 O AMOR E SUAS DORES

*“Amar é estar em disponibilidade para o sofrimento. Pois se o amado é insubstituível e nele se concentram todos os nossos desejos, nossa vulnerabilidade é absoluta”*

(COLASANTI)

Na visão da escritora Marina Colasanti (1984) existem diversos diálogos acerca do amor e das suas representações frente a história da humanidade. As elaborações teóricas se prendem a uma fonte específica de cultura para delimitar conceitos específicos para cada sociedade, como no caso do amor grego em Eros, em que diversos filósofos, como Platão, em *O banquete* (2009), tenta explicar como os homens e mulheres são afetados pelo sentimento de amar.

Trazendo a questão do amor para a psicanálise, a partir das discussões de Maria Rita Kehl (1987), desde criança, já na gestação, o pequeno ser em seu estado intra-uterino vivencia o sentimento de amor com a mãe. E este sentimento se dá pelo fato da mãe proporcionar todas as necessidades confortando plenamente a criança pré-matura. O amor comporta, portanto, múltiplas faces e pode ser definido de diversas formas nas mais variadas áreas de conhecimento: filosofia, psicologia, sociologia, literatura de modo que cada sociedade e escritor apresenta novas leituras, frente a sua realidade e cultura.

Do ponto de vista de Colasanti (1984), o amor é um sentimento que necessita se voltar para uma outra pessoa, para poder se consolidar. Trata-se de um sentimento que envolve doação e desperta uma intensa vontade de bem-querer na pessoa escolhida. Quem ama deseja tudo que há de bom ao ser amado, deseja que ele seja pleno e realizado.

Essa concepção de amor leva-nos a sinalizar que o sentimento do personagem no romance em análise, não poderia ser considerado como amor, tendo em vista que ele não se compadece do sofrimento de sua amada ao confiná-la no porão ele não a ajuda quando ela adoce. Parece-nos que sua pretensão era ter alguém que pudesse dominar e ter sob seu controle, sem correr risco de ser abandonado.

Nessa via, em alusão as palavras de Conte-Sponville (2009) quanto ao amor, não escolhemos quem iremos amar e assim amamos o que desejamos. Do mesmo modo, não escolhemos os nossos desejos mas caso tenhamos um entre tantos outros desejos, poderemos escolher o que mais desperta o nosso amor.

Para Colasanti (1984), além do desejo de bem-querer, amar também desperta atração sexual pelo sujeito amado. Diante desse desejo sexual, o indivíduo passa a conjecturar um

futuro com o seu escolhido, e assim constituir um relacionamento com propensões de se unir em um matrimônio e constituir uma família, ou mesmo de só manter um relacionamento sexual ativo.

Uma outra perspectiva sobre o amor está diante de Fromm (1995), ao relatar o sentimento de amar como uma atividade onde se dá sem pensar em receber, e a isso o escritor elude Sullivan ao dizer que amamos quando reconhecemos as necessidades da pessoa amada. E assim, essas necessidades são mais importantes do que as nossas próprias.

Colasanti (1984), passa a nos explicar que para os apaixonados, a paixão se desenvolve quando encontramos semelhanças no objeto de desejo. Essas semelhanças se distinguem pelo modelo amoroso que possuímos, com base na imagem de pessoa que esperamos e queremos para a nossa vida.

No entanto, mediante Kehl (1987), essa busca por um ser que nos complete passa a ser reflexo do narcisismo primário ao qual se origina por termos sido nutrido de todas as nossas necessidades na gestação, tornando-se completo. E a isso se dá a nossa busca na vida adulta por alguém que preencha o nosso vazio amoroso cortado após o nascimento.

Ao qual nos leva a entender que de acordo com Conte-Sponville (2009), amar é um sentimento que muda de objeto na medida que os nossos desejos mudam a sua natureza, e a cada mudança no amor, ele se transforma e nos transforma com novos desejos.

A escritora Colasanti (1984) acrescenta que ao amar passamos a vivenciar uma descarga forte de excitação emocional no processo de encantamento pelo amado. Mas com o tempo, passaremos a criar sensações de serenidade e felicidade interior, deixando-nos satisfeitos, por ter o escolhido ao nosso lado e tornando ele indispensável. No entanto, caso fuja de nossas mãos, sofreremos irritabilidade, prostração, ansiedade e insônia – ao ponto de nos deixar desinteressados com a vida.

Fromm (1995), aponta que em alguns casos, o amor se destaca como amor sentimental por viver nas fantasias e não nas relações concretas da realidade. Portanto, é uma questão de alimentar os desejos profundos nas fantasias por elas poderem se realizar ao invés de arriscar tomar uma atitude no mundo real. Dessa forma, as ideias de Fromm se relacionam ao personagem Frederico que não era capaz de sustentar um relacionamento saudável.

Ademais Colasanti (1984), esclarece que o amor não será o mesmo para os homens e mulheres, logo, o próprio desejo vai ser diferente. Porque a sociedade ensina diferentes formas de amar, que é resultado das necessidades sociais que sofrem exigências geográficas, impostas por guerras ou mesmo econômicas.

Seguindo nessa linha, Kehl (1987) diz que as nossas paixões são controladas pela sociedade ao nos obrigar a vivenciar repressões maiores do que a que possuímos para lidar com as paixões que temos. Disto, criamos uma espécie de mistificação nostálgica no estado natural em que os terrores, ódios e desejos são intensos.

Ao nosso ver, diante de tanta busca de realização de desejos intensos e profundos quando se ama, em certos casos, pode se confundir achando que por faltar controle no ser amado, se pode comanda-lo como o personagem Frederico fez. E a isso, conforme nos diz Conte-Sponville (2009), ao aludir Kant, ele declara que amar, portanto deve ser o ato de não buscar controlar a pessoa amada porque amar não é sinônimo de ordem e obediência.

Dessa maneira, Colasanti (1984) diz que procuramos o amor para sermos felizes por nos sentirmos merecedores da felicidade. No entanto, há uma grande ilusão nisso tudo, porque mesmo os romances belos e românticos, carregam lágrimas. O sofrimento está sempre a espreita quando se ama. Mas, mesmo gerando o sofrimento, o amor é a essência, a bussola, o centro da vida e sem ele tudo fica desprovido de sentido.

A grosso modo, quando o ser amado passa a ser a essência de nossa felicidade, o compreendemos como o ser que habita o nosso universo amoroso e isso se destaca por nos tornarmos cegos a frente de todas as outras possibilidades de amor. Esquecendo, portanto, que amar passa a ser uma descoberta quando nos permitimos ter a liberdade de ser entendido e entender aqueles ao qual estão próximos de nós.

Como um resultado, apontando as discussões de Fromm (1995), chegamos a desenvolver um mecanismo de projeções quando não queremos perder um amor, e isso se destaca por bolarmos ideias para evitar problemas e preocupações quando amamos sem limites. E esse mecanismo de projeção é fruto de um amor neurótico por ter medo de perder e não ter controle da relação a dois, levando o sujeito a buscar corrigir os defeitos e fragilidades do ser amado.

Quanto a perda ou a não realização de uma vida amorosa com alguém, Colasanti (1984) assinala que pode se transformar em neurose, por se buscar alimentar o sentimento a qualquer custo. Desse modo, passa de sentimento de amor para um transtorno obsessivo, como é o caso do personagem Frederico, que analisaremos mais à frente.

A dor de amar é uma temática bastante discutida por Sigmund Freud e outros psicanalistas como Juan-David Nasio. Além de retratar a dor da perda de um amor na obra *Luto e Melancolia* (1996), Freud também faz alusão ao sofrimento e a dor do amor em *Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (1910), quando afirma que desde

da infância a criança ao amar, já sofre repressão e inicia seu ciclo de sofrimento com novas repressões durante toda a vida.

O psicanalista Juan-David Nasio, seguidor de Freud, aprofundou as discussões acerca da dor de amar, enfatizando que o amor não se dissocia da dor em seu livro *A dor de amar* (2007). Na obra, o escritor vai explorar a dor psíquica que amadurece e gera golpes sucessivos de dor, quando implica em perda ou separação. A perda de um amor de forma súbita deixa o sujeito transtornado ou morto simbolicamente, de forma que precisará fazer uma travessia íngreme em busca da reconstrução de sua identidade, do seu ego perdido na fusão com outro.

É relevante destacar que nas palavras de Conte-Sponville (2009) o discurso de Sócrates sobre o amor diz que o sujeito é irremediavelmente destinado a incompletude, miséria e carência levando a infelicidade. Assim, entendemos a dor de se amar carregada de uma incompletude causadora de infelicidade e miséria existencial, que para alguns de acordo com Conte-Sponville, direciona o sujeito para suprir o seu sofrimento na religião.

Para o psicanalista Nasio (2007) a dor psíquica de amar surge a partir de alguns acontecimentos que afetam a psique como: o luto do amado – que é gerado mediante a aflição da morte da pessoa querida; pela dor de abandono – quando o amado nos deixa sozinho com os nossos sentimentos apenas; pode surgir pela dor da humilhação – que se resulta quando ferimos o amor-próprio que temos; ou pela dor de mutilação – que surge quando perdemos uma parte do nosso corpo.

Com estes esclarecimentos podemos supor que sofremos ao viver na espera de um ser amado, como também vivenciamos a dor quando estamos amando por esperarmos um amor cheio de realizações amorosas. Ao passo que também vivemos essa dor lancinante quando perdemos alguém que amamos, mas segundo Conte-Sponville (2009) o amor não deve ser uma fusão para nos vincular fortemente em uma perfeição plena. O amor, portanto, deve ser uma busca guiada pela pobreza devoradora da incompletude porque amor é o desejo e o desejo é a falta do que desejamos por completo, causando-nos dor e sofrimento.

O psicanalista Nasio (2007), diz que os níveis de dor passam a se configurar mediante a amputação de forma brutal com o objeto que se ama, e essa amputação se dá pelo rompimento da ligação de amor que vivíamos intensamente, por ser regulada pelo nosso psiquismo com o sentimento de harmonia. A dor psíquica causada pela dor de amar se divide em três categorias, sendo elas: um afeto, um sintoma e o objeto de prazer, que iremos compreender melhor a seguir.

Para Nasio (2007), a dor psíquica diante do afeto vai surgir como um estremecimento e nos coloca diante da comprovação da vida e do poder de nos recuperar; a dor diante do *sintoma* se manifesta de forma exterior com uma sensível pulsão inconsciente e recalcada por ser uma dor física refletida do sofrimento inconsciente. E se propaga como enxaquecas históricas, flutuante e persistentes diante das situações afetivas sem detectável causa; em último caso, a dor vai remeter a perversão, por se resultar de uma dor como um objeto do prazer que é perverso e sadomasoquista.

Conforme nos esclarece o psicanalista em questão, a dor psíquica não se limita apenas nas classificações expostas, e seu processo pode ser decomposto em três etapas de tempo diferentes de uma só e única dor, por se formar instantaneamente. Se denominando cada um com um aspecto particular da dor, sendo elas, a ruptura, comoção e a reação. Em síntese, a ruptura – terá a sua dor própria. Em seguida, a comoção psíquica – ao se desencadear pela ruptura gerando uma dor inerente ao seu estado. E por fim, a reação – suscitando uma dor como defesa reflexa do nosso ser em resposta da comoção psíquica.

Doravante, o autor remete a dor como um afeto refletido na consciência com variações extremas de tensão inconsciente por escaparem ao princípio de prazer. E isso se dá pelo sentimento vivido ser a manifestação consciente do nosso movimento ritmado das pulsões, e os nossos sentimentos acabam exprimindo, na consciência, variações de intensidade surgida das tensões inconsciente que possuímos. Nessa forma, os reflexos das variações das tensões acarretam emoções dolorosas que se manifestam como um estremecimento da cadência pulsional. E o ‘eu’ percebe em sua profundidade uma extraordinária acuidade.

Ademais, o nosso ser é “capaz de ler no interior a linguagem dos sentimentos. Como se ele possuísse um órgão detector orientado para o interior servindo para captar as modulações pulsionais e transpô-las para a tela da consciência” (NASIO, 2007, p. 26), que se propaga como emoções. Assim, às modulações pulsionais são moderadas e, na consciência, surge em forma de sentimentos de prazer e desprazer. Todavia, se as modulações forem extremas e agitadas demais, se configurarão em dor no funcionamento psíquico.

Para Nasio (2007), o funcionamento psíquico é mediado pelo princípio de prazer e desprazer que regula a intensidade de tensões pulsionais tornando-as toleráveis. Entretanto, quando acontece a ruptura brutal com o amado, as tensões passam a se desencadear inoperando o princípio que regula o prazer. Deste passo em diante, o eu no seu interior sente o transtorno de tensões incontroláveis provocando desprazer aumentados e dor.

Segundo as discussões do autor, quando sentimos desprazer, nos deparamos com uma autopercepção do eu em uma tensão elevada por passividade que se modula. E ao se modular,

exprime dor como uma autopercepção da tensão que se tornou descompassada direcionando o desprazer como sensação na consciência de uma tensão pulsional aumentada. O aumento da tensão pulsional se submete as leis que regem o princípio de prazer e a dor vai ser prova de um profundo desregramento na vida psíquica ao fugir do princípio do prazer.

Para melhor compreendermos a dor psíquica evocamos as palavras de Nasio (2007, p.31), ao afirmar que “a dor de amar é uma lesão do laço íntimo com o outro, uma dissociação brutal daquilo que é naturalmente chamado a viver junto”. E sem agressão ao tecido da carne, como o caso da dor corporal, a dor psíquica se localiza no laço criado do amado com o objeto de amor, e esse objeto, é igualmente odiado, amado e angustiante.

Desse modo, o referido psicanalista expõe como proposta de primeira definição da dor de amar, “o afeto que resulta da ruptura brutal do laço que nos liga ao ser ou à coisa amados” (NASIO, 2007, p.31). Desmembrando essa ruptura como súbita e violenta, de forma imediata ela suscita em um sofrimento interior, ao qual o nosso ser vive com um dilaceramento de sua alma, e se propaga como um grito mudo que jorra de suas entranhas. Desencadeando, portanto, o sofrimento de comoção, que leva o nosso ser a autoperceber o transtorno que foi gerado.

Para não nos limitar apenas a uma definição da dor psíquica, o psicanalista, expande as discussões com a perspectiva metapsicológica. Como segunda definição, e a trata como:

o afeto que exprime na consciência a percepção pelo eu – percepção orientada para o interior – do estado de choque, do estado de comoção pulsional (trauma) provocado pelo arrombamento não do invólucro corporal do eu, como no caso da dor física, mas pela ruptura súbita do laço que nos liga ao outro eleito. Portanto, a dor de amar é uma dor traumática (NASIO, 2007, p.33).

Na opinião do autor, essa dor de amar é um afeto que se traduz na consciência uma reação de defesa do eu, que ao ser comocionado, luta para se reencontrar. Tendo a dor como uma reação de defesa contra o trauma, sob forma de apelo das forças vivas do eu. Que mesmo correndo risco de ficar esgotado, busca a representação psíquica do ser amado perdido.

Como resultado, o psicanalista fala que, a partir de então, o eu, passa a se ocupar para preservar a imagem mental de seu desaparecido para compensar a ausência real do amado perdido magnificando a sua imagem. Desse passo em diante, o nosso ser vai se confundir com a imagem soberana que ele criou do amado perdido, vivendo só de amar, e odiando a efígie do amado que partiu.

Em suma, o autor explica que a efígie que representa a ausência do objeto de amor vai atrair a energia toda do eu. De forma violenta, torna o nosso ser incapaz de ter interesse no

mundo externo. E assim toda a energia psíquica se concentra para representar o amado que desapareceu. Desencadeando em dois movimentos: o primeiro como desinvestimento – uma polarização da energia de si próprio voltado para um detalhe do amado – que remete ao movimento de *superinvestimento*.

O psicanalista aponta como efeito da dor mental resultante desses dois movimentos, uma dupla reação defensiva: a primeira seguida do eu ao desinvestir quase totalmente de suas representações da pessoa amada. Para assim, superinvestir apenas a uma representação do amado que não mais existe. A inexistência do ser amado para quem ama é muito doloroso e mesmo com os dois movimentos de defesa contra o trauma sofrido, irá gerar mais dor.

Ademais, o autor propõe uma terceira definição da dor psíquica de amar para explicar como o afeto vai refletir no esgotamento do eu que está ocupado por amar de forma desesperada a imagem do amado que se foi. E esta lembrança de um ser desaparecido por ser tão forte e carregada de afeto, superestimada, devora parte do sujeito e o torna estranho em comparação com a outra parte de si mesmo.

Com efeito, para o psicanalista, a representação estranha do nosso ser pode desencadear em luto com uma lentíssima redistribuição da energia psíquica, mas essa redistribuição se trata do desinvestimento progressivo da representação do objeto de amor. E surge como luto ao desinvestir de pouco a pouco a imagem saturada do ser amado perdido, e em seguida, torná-la conciliável de outras representações.

O sistema psíquico, conforme o psicanalista, possui uma tensão permanente de desprazer e uma descarga incompleta de tensão de prazer parcial. E se submete ao desprazer por não ter carga completa da tensão do prazer passando a se sentir insatisfeito e buscando sempre ao prazer. Nessa via, a tensão e o desprazer é visto como desejo, pôr o desejo ser uma tensão ardente em movimento ao se adequar a um alvo ideal, podendo elevar ao prazer absoluto sem nunca chegar a se realizar totalmente.

Em suma, o psicanalista explica que por termos um eleito, ele ocupa o buraco de insatisfação do nosso eu, tornando-se, insubstituível e merecedor de luto caso a sua ausência se realizasse em nossa vida. Rompendo, portanto, com sua presença física. Dessa maneira, o indivíduo passa a ficar esquartejado entre um surdo amor interior, fazendo o desaparecido reviver e, assim, causando uma falha entre a ausência real e a presença viva do outro.

Para o autor, essa ausência real é insuportável e passamos a negá-la ao se rebelar contra a realidade da falta e o nosso ser se recusa a admitir a ausência do amado se rebelando contra o destino. Essa rebelião contra o destino, ao negar a perda, pode levar o enlutado a quase enlouquecer. Nesse modo, para o psicanalista, quando o nosso ser é submetido a uma

ameaça de perder o objeto de amor insubstituível, sofre a angústia. Mas se o amado ou objeto desaparece subitamente, sem ter tido nenhuma ameaça prévia, sofre a dor. Entretanto, se perder brutalmente o amado, irá sofrer o luto, como no caso do personagem Frederico.

Para melhor compreendermos essa questão de luto, recorreremos ao médico psiquiatra Sigmund Freud, que em sua obra *Luto e Melancolia* (1996), esclarece o luto como sendo a reação a perda de algum ente querido, ou mesmo perda de um país ou da liberdade. Também aponta que o enlutado desenvolve desinteresse pelo mundo externo deixando a pessoa em um estado de espírito penoso sem interesse de adotar um novo objeto de amor.

Eventualmente, para Freud (1996), o enlutado passa a ter dificuldade de substituir o ente amado e se afasta das atividades na sua vida que não estejam relacionadas a ele. E, assim, realiza uma inibição e circunscrição do ego como uma devoção exclusiva ao luto que, em seguida realizará uma superação diante de um lapso de tempo tornando o trabalho do luto concluído, e libertando o ego para alimentar a sua libido com um novo ente querido.

Em vista do lapso de tempo, Freud (1996), destaca que o indivíduo começa a tomar consciência da realidade sem o ser querido e o seu ‘eu’ passará a exigir que sua libido corte ligações com o objeto causador do luto doloroso. De modo que o sujeito para Freud, passa a se sentir disponível e busca substituir o ente querido de uma forma tão intensa com o novo objeto que o desvio da realidade e o apego serão intermediados por uma psicose alucinatória cheia de desejo.

Para ampliar esse debate sobre as relações afetivas e seus conflitos dialogaremos com a psicanalista Maria Rita Kehl, que apresenta uma discussão sobre o domínio das paixões, enfocando a busca do sujeito em reencontrar o paraíso perdido na vida uterina.

## 2.2 REFLEXO DO NARCISISMO PRIMÁRIO NA VIDA ADULTA

*“Sócrates bate o martelo: ‘o que não temos, o que não somos, o que nos falta, eis os objetos do desejo e do amor’”*

(CONTE-SPONVILLE)

Maria Rita Kehl com “A psicanálise e o domínio das paixões”, no livro *Os sentidos da paixão* (1987), esclarece que as civilizações se constroem mediante a matéria bruta das paixões e essas paixões são tentativas para estabelecer os domínios. E, assim, estamos mergulhados numa cultura supervalorizando os prazeres e, ao buscá-lo, vivemos uma incompatibilidade do excesso de prazeres com o amor.

Para explicar o sentimento do amor, a referida psicanalista retrata a representação em uma criança que em seu estado intra-uterino de narcisismo, ao conservar a fantasia dos seus primeiros meses de vida até o momento de separação, resulta em desilusão. Nesse primeiro estado, o amor não tem lugar e a autora vê o pequeno ser como narcisista ao entender tudo de bom e prazeroso como sendo parte de si.

Conforme nos diz Freud em sua obra *Totem e Tabu e outros trabalhos* (1996), o narcisismo vai corresponder ao momento ao qual o sujeito se comporta sendo amoroso consigo próprio. E possui instintos egoístas e desejos libidinais atribuindo uma alta valorização de si mesmo e realizando uma supervalorização dos próprios atos psíquicos.

Na perspectiva de Kehl (1987), no caso da criança em seus primeiros meses de vida, ao ter algo que não lhe agrade, se frustra porque ela sente a frustração como sendo parte do mundo externo e não vindo dela mesma. Com isso, para a autora, o bom vai ser o eu e o mal vai ser as coisas ou pessoas ao seu redor. E, assim, se constitui a estrutura do ser narcisista que só vê o bem e o bom em si mesmo.

Na visão da psicanalista Kehl (1987), a criança passa a ter como primeiro sentimento o ódio, tendo em vista que os seus desejos e sua fantasia de ser onipotente, encontra limites na realidade que a cerca. Desse modo, destaca que depois de algumas frustrações, a criança percebe que o objeto gratificante que ela achava fazer parte de si, na verdade, é do mundo externo, como a própria mãe. E com isso o objeto que lhe proporcionará prazer também causará frustração por dele vir também o mau que ela sente fora de si própria.

Assim, para a autora, o amado e o odiado para a criança é um só, e seguimos nessa ambivalência ao longo da vida. Quanto ao ódio que a criança passa a sofrer, isso se evidencia bem na experiência com a mãe, por descobrir que a mãe não está disponível em absoluto para satisfazer seus desejos causando-lhe frustração e ódio.

A propósito a psicanalista aponta que os desejos que a criança nesse momento da vida sente condizem com a dependência dos cuidados da mãe e, nessa fase, o pequeno ser é absolutamente dependente da mãe ou de seus substitutos, para que seja cuidado. E caso a demora ou a falta do cuidado seja sentida pela criança, ela sente sua vida ameaçada.

Se referindo a esses cuidados, a psicanalista traz a fome como exemplo, porque produz na criança, uma sensação de violência aterradora onde o ódio faz a morada por não ter sido saciada, causando-lhe terror. E é aí que as fantasias e as necessidades da criança tendem a surgir como pleno domínio de suas paixões.

Seguindo nessa linha, Kehl (1987) registra que as nossas paixões são controladas pela sociedade ao nos obrigar a vivenciar repressões maiores do que a que possuímos para lidar

com as paixões que temos. Disto, criamos uma espécie de mistificação nostálgica no estado natural em que os terrores, ódios e desejos são intensos.

Dessa forma, para autora, vivemos em função de uma pequena capacidade de sentir prazer compelida pela saudade de um estado primitivo ao qual a satisfação dos nossos desejos tinha um estado intenso. E assim o nosso ser, como o agente em conter as suas próprias paixões passa por uma necessidade própria de sobrevivência psíquica logo na infância.

Ademais, a psicanalista assinala que para evitar um naufrágio do mar furioso das demandas furiosas, o sujeito como um pequeno ser, tentará sobreviver a uma sociedade repressora dos desejos. Deste ponto em diante, ocorrerá os primeiros sofrimentos consequentes da criança narcisista com o mundo externo. Criança esta que vive em busca de realização do desejo, desejo esse que se expande em busca do absoluto que foi perdido por definitivo depois de sair da vida uterina.

Com efeito, para Kehl, a realização do desejo absoluto da vida uterina pode não existir na realidade para o eu, mas pode sobreviver e renascer nas fantasias inconscientes. Podendo o sujeito ver a realidade como inimiga ao ela se contrapor a onipotência do desejo e obrigá-lo a buscar o absoluto, para pôr fim troca-lo por infinitas satisfações que se pode ter pela vida, mas que não são absolutas.

Via de regra, para a psicanalista, tendo a realidade como inimiga de nossa satisfação absoluta do desejo, cabe a nós aliar o princípio da realidade que temos com o princípio do prazer, para aprendermos os caminhos para o amor e a vida. Mesmo não existindo um objeto que satisfaça o desejo por completo, o sujeito não cessará de buscar momentos de realização e satisfação.

Nas palavras da psicanalista, a vida nesse paralelo entre satisfação pequena e repouso, é uma tensão em movimento permanente. E por não encontrar algo que me agrada aqui estarei a procura em outro lugar, e caso eu não encontre o absoluto do meu desejo, passarei a vida em busca de aproximações da representação do perfeito que desejo.

Com finalidade, a autora elucida que fomos castrados no momento que viemos ao mundo por uma “impossibilidade de manutenção do estado narcísico do qual fomos expulsos com o nascimento” (KEHL, 1987, p. 477). E essa definição, para a psicanalista, parte do conceito de Freud sobre a castração, ao entender a castração como um corte que nos separa e expõe a incompletude na vida, deixando-nos sujeitos a insatisfação.

Diante disso, a psicanalista assinala que não conseguimos nos sentir satisfeitos de forma absoluta, porque fomos castrados de nossa completude na gestação narcísica. E lá

éramos nós o centro de tudo na relação mãe-filho. E seguindo a linha do psicanalista Lacan, a autora associa castração com perda, limitação da onipotência do desejo e falta.

Em suma, a autora aponta que a mãe é quem castra e o pai será o agente da castração ao desejo da mãe se mover para o pai, e por se mover para outro lugar que não seja o pequeno narcisista, interdita o idílio da criança com a mãe. Idílio este que a criança espera que a mãe seja tudo para ela, fazendo assim uma união onde o pequeno ser é tudo que a mãe deseja.

A autora acrescenta que se a mãe se recusar a formar a completude narcísica com o filho, ela o castra. Em contrapartida, se recusar a incompletude do filho alimentando os seus desejos, não o castrará, e sim manterá o narcisismo primário no inconsciente da criança, evitando o pai como agente de castração. Mas na verdade, somos todos castrados e tentamos contornar essa ferida para aliviar a castração da vida uterina.

Conforme esclarece Kehl (1987), a castração é uma ferida moral, perda da ilusão paradisíaca materna ao qual foi perdido um privilégio outrora desfrutado de uma manutenção umbilical ilusória com a mãe, sem ter movimento do desejo. No entanto, é com a castração que se ganha a vida, e ao viver se abre um leque de novas possibilidades de desejos que se movem passando a castração a ser um evento progressista na vida.

A autora explica que o narcisismo primário se reflete nas fantasias da vida adulta, com as relações apaixonadas ao buscar a restauração da satisfação primária. Em seguida, se desenvolve a esperança de reencontrar a representação de um objeto de amor de total completude, como o anterior encontrado na gestação narcísica.

Conforme esclarece a psicanalista, o indivíduo passa a esperar encontrar na vida um “ser que me completa, cujos desejos são meus desejos – este ser que é igual a mim e que chegou para me salvar da condição solitária que é a própria condição humana: cada um de nós é um ser único diante do mundo” (KEHL, 1987, p. 479). Como busca de um reflexo de si mesmo, essa primeira paixão mergulhada em fantasia, terá desilusões que poderá ser instaurada com o amor.

A propósito, a psicanalista aponta que com essa desilusão fundamental na vida adulta o sujeito vai descobrir que pode se mover e conseguir suportar a dor de não criar um todo indissociável com o seu ser amado. E assim descobre que ele pode mudar e agir de um jeito novo ao invés de querer concretizar um amor completo.

Portanto, Kehl (1987) explica que as pessoas que não conseguem conviver com a desilusão de sua fantasia em encontrar alguém que lhe complete, vai considerar a sua morte ou a do seu amado como uma melhor alternativa. Mas valendo, no caso, morrer do que viver na solidão, tornando a morte um princípio de prazer pôr o eu não conseguir viver na realidade.

Passamos a ter como resultado, para a autora, um mecanismo de canalização de desejo, chamado de repressão. A repressão reprime a energia do desejo e essa energia se encontra na ideia que associamos ao desejo. Portanto, a repressão passa a dissociar o desejo do conteúdo, e não reprime o afeto por ele ser livre e dissociado do conteúdo. Mas eleva o ser neurótico a ânsia, e ele acaba sem entender e saber o que anseia.

A psicanalista destaca que caso o ser neurótico acredite que sabe o que anseia, será resultado dos mecanismos de defesa de seu ego ao criar coerência entre sintomas e personalidade. Quanto a esses sintomas, a psicanalista sinaliza que condizem com a ligação que o conteúdo dissociado faz com outros conteúdos, resultando em sintomas. No fim, o neurótico não encontrará prazer por ter aderido a uma ilusão de pensar saber o que ansiava.

Em síntese, para a autora, a repressão aliena e dissocia fazendo da pessoa um sujeito cego para os próprios desejos e ignorante do bem para si mesmo, e por esta ser uma condição de obediência, o ser neurótico vai querer aquilo que lhe falam que deve querer e não saberá o que quer porque busca o que lhe sugerem.

Nessa via, a psicanalista traz um segundo caso de mecanismo de canalização do desejo que é o desvio do objeto, ao direcionar a ideia que representa o afeto para outro objeto socialmente permitido. Essa troca se dá mediante a interdição do objeto de afeto, e invertendo o conteúdo do objeto de amor o sujeito passa a ter um amor excessivo com obsessão.

Portanto, para a autora, o sujeito ao se tornar obsessivo e neurótico se torna ativo e capaz das formas de crueldade das mais sutis as mais refinadas, capaz de criar elaboradas e sutis perversões. Sua fala neurótica é vazia e suas palavras negam o seu desejo. Com isso, as suas racionalizações são mentiras para esconder o desejo que não pode declarar, como no caso do personagem Frederico ao não declarar os seus desejos pela personagem Miranda.

**CAPITULO II:**

**AS MÚTIPLAS FACES DO AMOR DE FREDERICO CLEGG**

### 3.1 VIDA E OBRA DE JOHN FOWLES

O renomado romancista inglês John Fowles (1926-2005), nasceu em Leigh-on-Sea - na Inglaterra, e de acordo com Bob Goosmann (c2019), foi escritor de uma série de obras. Sua vida literária começou quando ele percebeu que não se encaixava na vida militar e decidiu adentrar mais ainda na vida acadêmica. Fowles, estudou em um colégio interno preparatório para a universidade e em seguida foi para a universidade de Edimburgo e, logo depois, se formou em Frances.<sup>1</sup>

Nas palavras de Goosmann (c2019), o referido escritor inglês passou parte de sua vida ensinando literatura inglesa, desse momento em diante partiu de poesias para romances e escreveu o seu primeiro livro, intitulado de *The Collector* (1963), que logo virou best-seller por ser um grande sucesso na época. Sendo, portanto, este o nosso objeto de estudo por trazer o personagem Frederico Clegg que vive um amor avassalador pela personagem Miranda.

Para Goosmann (c2019), Fowles expandiu sua liberdade literária e escreveu obras de ficção e não ficção, entre os seus escritos de ficção temos: o romance *The Collector* (1963), *The Magus* (1965), *The French Lieutenant's Woman* (1969); *Daniel Martin* (1977); *Mantissa* (1982) e *Maggot* (1985).

Entre as obras de não ficção de Fowles, Goosmann (c2019) aponta o livro *The Aristos* (1964), como também a produção de ensaios, poesias, poemas, resenhas, traduções do francês, adaptações de *Cinderella* e da novela *Ourika*. Além dessas obras referidas, Fowles escreveu vários textos para compilações fotográficas, como *Shipwreck* (1975), *Islands* (1978), e *The Tree* (1979).

O romancista Fowles não chegou a realizar uma autobiografia, mas foi entrevistado, algumas vezes, e entre as entrevistas, destacamos a realizada por James R. Baker ao qual foi publicada na centésima décima primeira edição do livro *The Paris Review* (1989). Nessa entrevista, Fowles esclarece parte das suas influências que o direcionaram para uma vida de escritor.<sup>2</sup>

De acordo com o entrevistador, Fowles relata que ter escrito muitos diários ao longo da sua vida foi o que lhe levou escrever ficção fato que o levou a entender os romancistas como posicionados em dois mundos, um real e outro irreal.

---

<sup>1</sup> Biografia acerca da vida e obra de John Fowles retirada do site John Fowles The Website. Disponível em << <https://www.fowlesbooks.com/biography-of-john-fowles/>>> Acesso em: 25 out. 2019.

<sup>2</sup> Entrevista acerca da vida e obra de John Fowles retirada do site The Paris Review. Disponível em: << <https://www.theparisreview.org/interviews/2415/john-fowles-the-art-of-fiction-no-109-john-fowles>>> Acesso em: 26 out. 2019.

Quanto as contribuições não ficcionais mais famosas de Fowles, o entrevistador aponta *Aristo* e dois ensaios, sendo eles: “*On Being English but Not British*”, ao trazer a visão do escritor com uma reflexão histórica e cultural de seu país, e o ensaio “*Notes on Writing a Novel*”, por trazer considerações sobre a escrita de ficção e sua composição criativa.

No geral, Baker (c2019), aponta que o romancista mesmo vivendo muitas limitações em seu período para escrever ficção, alcançou fama com o seu primeiro romance tendo em vista que dois anos após a publicação já foi adaptado para o cinema por William Wyler. Em seguida, suas outras obras foram se tornando muito aceitas pelo público por trazer questionamentos existenciais além de influências das artes.

Para o entrevistador, Fowles não somente bebeu de fontes de existencialismo para sua produção escrita, como também foi um assíduo leitor de franceses e das línguas modernas. E não se limitando nas artes e nas línguas, Fowles foi um leitor das ideias dos psiquiatras Carl Gustav Jung e do neurologista Sigmund Freud.

Na visão do entrevistador, Fowles ao ler Jung e Freud, foi influenciado pelas ideias centrais deles de modo que é perceptível o viés psicológico dos personagens em suas obras ficcionais. Podemos identificar essas influências na obra que escolhemos como objeto de estudo. Ao analisarmos o personagem Frederico, percebemos traços de personalidade destacados por Freud em sua teoria da sexualidade e nas elaborações sobre o amor, a melancolia e a neurose obsessiva.

### 3.2 O AMOR DE FREDERICO POR MIRANDA E A TENTATIVA DE TÊ-LA A QUALQUER PREÇO

*“Não sei por que, mas da primeira vez que a vi, fiquei logo sabendo que ela era única. Não estou louco, claro, visto que sabia ser apenas um sonho, que o teria sido sempre, se não fosse o dinheiro”*

(FOWLES).

O romance *O Colecionador*, narra um drama de um amor obsessivo vivenciado pelo personagem Frederico Cleg, cuja falta de correspondência do sentimento da parte de Miranda, leva-o a uma sensação de desconforto de modo que ele elabora um plano na sua mente fértil da forma ideal de fazer a personagem se apaixonar por ele. Esta ação tem ressonância com as ideias de Kehl (1987), ao dizer que quando o sujeito se torna obsessivo ele se transforma em uma pessoa neurótica que por desejar tantas coisas não sabe o quer, de modo que possui uma fala vazia que nega os seus desejos por suas palavras serem mentiras que negam seu

verdadeiro desejo, levando-o a ser capaz das formas mais sutis as mais elaboradas de perversão.

A primeira parte da obra mostra o dia-a-dia na voz narrativa de Frederico, destacando um relato do momento em que ele se apaixonou por Miranda Grey até o momento do sequestro, em que ele a confina, tornando-a mais uma peça de sua coleção de borboletas que ele nutria fervorosa satisfação.

O personagem Frederico era um sujeito solitário desde sua infância, o seu pai morreu em um acidente de carro, já a sua mãe o abandonou deixando-o com os seus tios. Deste modo, podemos supor que sua vida foi atravessada por uma sensação de desamparo e inexistência de fortes laços afetivos. A falta de uma base de afeto na infância talvez seja um dos fatores que faziam com que ele se sentisse excluído da sociedade ao mesmo tempo que não se importasse com os outros.

O sentimento de desamparo e solidão que invadiam a alma de Frederico pode ser analisado, segundo o viés psicanalítico, como fruto da relação malsucedida com os pais na primeira infância. Freud (1996), ao descrever e explicar as fases psicosexuais deixa claro que a relação triangular Pai-Mãe-Filho na fase fálica, em especial o complexo de Édipo (3-6 anos) determina a estrutura da personalidade na vida adulta. O drama vivenciado por Frederico na mais tenra idade, o sentimento de desamparo, a falta de proteção e segurança podem estar relacionados ao fato de que ele para afugentar a solidão e o vazio existencial passou a se dedicar a compreender a vida dos insetos, em especial as borboletas, elas mereciam a sua atenção.

Com efeito, o personagem percebia que o mal existia no seu exterior e sentia desgosto pela sociedade por perceber que o mundo era causador de repressões. A esse respeito, conforme aponta Kehl (1987) nessa situação o sujeito tenta sobreviver as decepções na vida e vive em busca de um repouso do seu desejo para conquistar o absoluto. Assim, procura encontrar o absoluto da vida uterina que foi perdido por definitivo. Com isso, podemos dizer que mesmo o personagem Frederico não encontrando a satisfação absoluta de suas fantasias, passou a viver em procura de infinitas satisfações colecionando borboletas.

O sentimento do personagem Frederico por Miranda também pode ser analisado à luz de Colasanti (1984) ao dizer que quando o sujeito se vê só diante do mundo, passa a perceber que precisa do amor em sua vida e busca um rosto para que possa realizar todas as suas expectativas. No caso do personagem, observamos que ele sonhava o matrimônio com alguém que o compreendesse, realizasse os seus desejos e que gostasse de colecionar borboletas. Ao

desejar uma pessoa semelhante, estaria Frederico em busca de um estado narcísico? Amar a si mesmo em outra pessoa?

O amor de Frederico por Miranda se originou depois de tanto vê-la, sair e voltar para casa, quando ela estava de férias do colégio interno. Ele sempre estava a vislumbrá-la através da janela de vidro no Anexo da Câmara Municipal, onde ele trabalhava. E, assim, o personagem compreendeu que Miranda era uma mulher rara e a única digna do amor dele. É como se ele “estivesse capturando uma verdadeira raridade, como se me aproximasse com todos os cuidados, silenciosamente, de uma borboleta de cores difusas e muito belas. Sempre pensei nela como algo indefinível e raro, bem como refinado” (FOWLES, 1980, p.5).

E, assim, Frederico relacionava Miranda ou qualquer outra mulher as comparando com as borboletas. Por ter uma afinidade com os insetos ele acreditava ser o jeito mais apropriado, refinado e respeitoso de tratar uma mulher. Imaginava que poderia capturar Miranda assim como fazia com as borboletas. Desejava Miranda para poder possuí-la e preservar a sua amada como parte de sua coleção.

Podemos inferir que um dos primeiros problemas detectados na personalidade do personagem se encontra na visão distorcida que ele tem da mulher amada ao observá-la, capturá-la e tratá-la como uma borboleta.

O fato de ter sido abandonado pela Mãe na infância e no decorrer da vida não ter conseguido criar laços afetivos com as mulheres, talvez justifique a percepção dele de que as mulheres são como as borboletas e poderiam ser capturadas para colecionar e prender sob sua posse. Talvez raptando a mulher amada, confinando-a em um porão tendo pleno domínio dela, fosse uma possibilidade de não correr o risco de ser abandonado novamente, como aconteceu na infância quando sua Mãe partiu de sua vida.

Parece-nos que Frederico acreditava que por ser um sujeito excluído da sociedade da época, tendo em vista que era entomólogo e de classe média baixa, a única forma que dispunha para conquistar o amor de sua vida seria capturando-a, como fazia com as borboletas. A indiferença do personagem em relação as pessoas em geral podem ter se originado na crença de que ele era desprezado, desdenhado por sua invisibilidade social e seus gostos peculiares.

O personagem esperava que fazer de Miranda a sua “hóspede”, seria a forma mais compreensível para justificar a agressividade de raptá-la e confiná-la no porão de sua casa. Ele considerava sua atitude generosa tendo em vista que poderia matá-la caso fosse necessário mas, ao invés disso, estava dando a Miranda uma chance única na vida de ser feliz, já que nada deixava faltar para ela e poderia satisfazer todos seus desejos materiais. Esta ação do

personagem tem sintonia com pensamento de Colasanti (1984) ao afirmar que o sujeito quando ama acredita que o escolhido é o único capaz de realizar as suas fantasias por ser o agente do amor em sua vida.

Em síntese, Frederico acreditava que Miranda seria a única mulher receptiva com ele, e que poderia lhe aceitar e compreender sem lhe desprezar ou tratar com desdém. E, por ela ser a concretização das fantasias dele, ele imaginava “histórias nas quais eu a encontrava, em que fazia coisas que ela admirava, em que me casava com ela, e tudo o mais” (FOWLES, 1980, p.6). Nesse modo, supomos que o medo que ele tinha de perder Miranda fazia dele altamente dependente dela, e por isso passava a realizar as vontades que ela possuía.

Deste modo, Frederico acreditava que Miranda chegaria a amá-lo na mesma intensidade que ele. Desejo típico do sujeito apaixonado que Colasanti (1984), aponta ao dizer que se busca uma intensidade de amor idêntica para que todos os desejos se realizem. Logo, o personagem esperava por uma união onde o amor deles formaria a perfeição entre um colecionador de borboletas e uma artista ao ele aludir que em seus sonhos:

Ela pintava quadros, e eu cuidava da minha coleção (nos meus sonhos). Ela gostava tanto de mim como da minha coleção, cujas peças desenhava e pintava; trabalhávamos juntos numa grande e bela casa moderna, numa sala imensa, com uma enorme parede de vidro. Tínhamos reuniões do grupo local, onde, em vez de nada dizermos, com medo de cometermos um erro, éramos os muito populares anfitrião e anfitriã (FOWLES, 1980, p.6).

A propósito, o personagem passou a criar inúmeras fantasias, das quais tem ressonância com as ideias de Colasanti (1984) quando ela aborda sobre as intenções de desejo de bem-querer e de desejo sexual fluírem. E Frederico em suas fantasias acreditava que além de Miranda apoiar as suas coleções de borboletas, passaria a desenhá-las. Possuindo também o desejo sexual ao querer constituir um casamento e poder ter filhos mesmo ambos sendo de classe social diferentes já que Miranda era de classe média alta e ele de classe média baixa.

Desse modo, o personagem compreendeu que seria possível corresponder os seus sentimentos e concretizar os seus desejos com Miranda, tal qual Colasanti (1984) apontou ao declarar que o sujeito não quer viver em sonhos. E, assim, Frederico se sentia “disposto a fazer o que quer que fosse para conhecer, para lhe agradar, para ser seu amigo, para poder olhá-la de frente, e não espiá-la” (FOWLES, 1980, p.14). Restando ao personagem se entregar ao sonho de poder fazer de Miranda a sua companheira a qualquer preço. E ele passou a se ver como seu salvador e protetor, como alude nas frases a seguir:

O sonho começou com Miranda sendo atacada por um homem e comigo correndo em sua direção para salvá-la. Depois, de repente, transformei-me no atacante, mas

não lhe fiz mal algum; limitei-me a capturá-la e a levá-la no meu carro para uma casa longínqua, onde a conservei cativa de uma forma imensamente agradável. Pouco a pouco, Miranda principiou a gostar de mim, e o sonho foi-se transformando noutro sonho, no qual vivíamos numa casa moderna, casados, com filhos e tudo (FOWLES, 1980, p.14).

De fato, o personagem diante do sonho se via como o salvador de sua amada, e ele passa a entender que estaria salvando-a da vida ao qual ela vivia simples e sem condições. Esta situação se associa com o que Colasanti (1984) afirma quando fala que o sujeito busca ter a capacidade de saber os desejos e emoções que se passam pelo ser amado para poder realizar as vontades que o compele. E assim, Frederico compreendia que era capaz de concretizar as necessidades de Miranda por amá-la e buscava ser digno dela.

Todavia, nesse mesmo passo de salvação, Frederico se via como agressor porque para ele a única forma de tê-la seria capturando-a, e mesmo não sendo o correto a se fazer, era o único caminho encontrado para realizar seu desejo de amar e ser amado. Desse jeito o personagem via o amor como posse por isso tinha que manter a amada longe do convívio de todas as pessoas. Nessa via, pode engano do personagem quanto ao amor, porque de acordo com o psicólogo da linha cognitivo-comportamental Walter Riso (2017), o amor deve ser cultivado sem apegos afetivos irracionais e sem medos assumindo a liberdade em explorar o mundo intensamente indo em busca do seu próprio sentido na vida.

Conforme assinala Riso (2017) o dependente do amor que tem medo de abandono, vai esperar de seu companheiro o máximo de confiança por sentir uma necessidade compulsiva de aliviar o medo de se frustrar com a carência. Dessa forma, não é uma pessoa suscetível ao desprendimento e almeja uma união a qualquer preço mesmo o ser amado não merecendo e sendo uma péssima pessoa.

Riso (2017) esclarece que os sujeitos dependentes afetivos são ciumentos, hipervigilantes e possuem ataques de ira, como também padrões de comportamento obsessivo e agressividade. E por não possuir estabilidade emocional, buscam manter a garantia de ser felizes eternamente no amor ao manter o companheiro sob controle. A partir de Riso podemos supor que Frederico imaginava que ao manter Miranda presa ele teria a felicidade eterna no amor, controlando-a.

No decorrer da trama, Frederico passou a sentir interesse em fazer parte do mundo intelectual e artístico de sua amada. O personagem passou a comprar diversos livros, como também realizou diversas tentativas de entender o mundo de Miranda, como sucede a seguir:

Outra coisa que comecei a fazer foi a ter os jornais e as revistas intelectuais, pela mesma razão porque visitei frequentemente a Galeria Nacional e a Galeria Tate. As obras expostas não me agradaram muito, tal como sempre me sucedera com as salas

de espécimes estrangeiros da seção entomológica do Museu de História Natural; evidentemente eram muito belos, mas não os conhecia, quero dizer, não os conhecia tão bem como os espécimes ingleses. Contudo, apesar disso, continuei visitando as galerias de arte para poder falar com Miranda, para que ela não me considerasse ignorante (FOWLES, 1980, p.14-15).

Nesse sentido, o personagem segue realizando o que Colasanti (1984) aponta quanto a busca de afinidades com ser querido em um processo progressivo de excitação emocional que o sujeito avança em projetos para multiplicar o prazer em agradar. Para que seja capaz de entender os desejos e emoções do seu amado e se tornar o pretendente capaz de realizar os desejos da pessoa e fazer com que compreenda quão maravilhoso somos. Com esses propósitos Frederico queria entender os desejos e emoções de Miranda quanto as artes e fazer com que ela percebesse quão maravilhoso ele era e passasse a amá-lo. E podemos entender melhor esse processo de excitação emocional quando o personagem alude: “senti palpitações no coração e fiquei muito perturbado, quase doente” (FOWLES, 1980, p.13).

O amor por Miranda não se limitava apenas por ela ser uma mulher linda entre as demais, mas a sua beleza a tornava perfeita por se assemelhar a raridade de espécimes de borboletas. O personagem possuía como beleza primária as próprias coleções de borboletas que ele possuía, por ter criado um vínculo forte com elas, ele era capaz de encontrar as mais belas entre elas e saber o seu valor de raridade tal qual percebeu quando se apaixonou por Miranda comparando-a a espécimes de sua coleção.

Frederico acreditava que Miranda era como uma borboleta Mazarina Azul ou mesmo uma Fritilária Rainha da Espanha, e por se assemelhar a uma borboleta rara ela era a imagem do modelo amoroso que Colasanti (1984) destaca quando aponta que o indivíduo busca alguém que se assemelhe ao modelo amoroso que possuímos. Logo, percebemos que devido ao fato do personagem ter desenvolvido afinidades com as borboletas, ele acreditava que a beleza estava nelas, e tudo que se aproximasse das belas borboletas se encontrava no padrão das criaturas que amava por sua raridade.

Assim, a reação que o personagem em questão tem ao estar perto da moça é comparada as suas mesmas reações ao capturar borboletas quando ele afirma que “foi como capturar uma Mazarina Azul ou uma Fritilária Rainha da Espanha” (FOWLES, 1980, p.25-26). Desse modo, sua excitação era tanta que ele se sentia “como se descesse um rio cheio de saltos e corredeiras: talvez fosse de encontro com algum rochedo, por outro lado, talvez escapasse são e salvo” (FOWLES, 1980, p.22). Acreditando, portanto, que seu amor por ela poderia lhe matar, mas também, caso tudo desse certo, seria feliz na vida.

De fato, podemos perceber que os anseios do personagem têm relação com as ideias de Kehl (1987) quanto ao reflexo do narcisismo primário na vida adulta. O sujeito ao buscar a restauração da satisfação primária passa a ter esperança de reencontrar a representação de um ser amado de total completude como na gestação narcísica. Buscando, desse modo, um reflexo de si mesmo que o completa e vivendo em uma fantasia indissociável com o ser amado.

Em síntese, supomos que o amor do personagem Frederico por Miranda é carregado de dependência afetiva, que de acordo com Nasio (2017) se transforma em um sofrimento por ele ser um sujeito emocionalmente imaturo que se automutila por estar irracionalmente oferecendo e presenteando o seu amor próprio, autorespeito e a própria essência a personagem Miranda. Suas atitudes, gestos e comportamentos incita-nos a buscar compreender a natureza de sua dor de amar, o seu objeto de desejo após o sequestro e a convivência com sua amada, na seção a seguir.

### 3.3 A DOR DE AMAR: A MORTE COMO SOLUÇÃO

*“Como julga que eu não sinto as coisas como você, pensa que não tenho sentimentos. O que sucede é que não sei exprimi-los adequadamente. Tudo o que lhe peço é que compreenda quanto a amo, quanto preciso de você e quão profundos são meus sentimentos”*

(FOWLES)

Neste item abordaremos sobre a natureza da dor de amar do personagem Frederico, no romance *O colecionador* (1980), dor provocada por não ser correspondido pela personagem Miranda após o sequestro e no decorrer da convivência com ela.

Podemos perceber que após o personagem capturar Miranda, ele vivenciou um estágio de emoção que faz ressonância com as ideias de Colasanti (1984) ao declarar que o sujeito depois da descarga de excitação emocional passa para uma sensação de serenidade e felicidade, deixando-o satisfeito. Esse recorte de satisfação pode ser compreendido quando o personagem afirma:

Só posso assegurar que naquela primeira noite me senti muito feliz, como já disse acima, e era mais como se tivesse realizado uma proeza muito ousada, como subir ao Everest, ou fazer uma incursão em território inimigo. Os meus sentimentos eram de uma felicidade completa, porque as minhas intenções também eram das melhores. Foi isso o que ela nunca compreendeu (FOWLES, 1980, p.25).

Por conseguinte, quando Frederico passa a conviver com Miranda, ele descobre que o que realmente desejava era poder ser alguém para confortar a jovem e lhe encher de muito

amor e carinho, quando ele declara que “tive um sonho muito agradável, um sonho em que a fui visitar e reconfortar; e estava muito excitado e talvez tenha ido um pouco longe no meu sonho, mas isso não me preocupou grandemente; sabia que o meu amor era digno dela” (FOWLES, 1980, p.25).

Frederico ao sentir que Miranda estava sob seu controle, parecia ter a felicidade em suas mãos. Vivia em dois mundos sendo um real que era tê-la em sua casa, mas não como esposa e um fantasioso que era aprisionar a jovem mantendo-a no porão, na esperança de conquistá-la. O pensamento do personagem faz relação com Colasanti (1984) ao dizer que o ser amado é alguém indispensável que não queremos que fuja de nossas mãos, porque caso fuja, nos deixara irritado, ansioso, com insônia e prostração sem ter interesse mais pela vida. E com isso percebemos que as tentativas de fuga de Miranda, inúmeras vezes, provocam irritações e insônia no personagem, perdendo também o interesse por suas borboletas.

Aos poucos Frederico vai percebendo que seus planos não estavam dando certo, porque Miranda não era suscetível a dominação e o desprezava, tudo estava se tornando mais difícil. Ele não compreendia que ao esperar muito de Miranda sem tê-la conhecido naturalmente, realizou uma tacada muito arriscada ao achar que o amor pode surgir de uma convivência forçada.

Dessa maneira, o personagem sente-se frustrado por esperar algo do ser amado sem ter o que deseja, deixando-o decepcionado pela falta de correspondência amorosa. O que ela conseguia nutrir por ele era ira por ter sido raptada, Miranda assim declarava: “enquanto aqui estiver neste quarto, só pensarei em você como sendo a pessoa que me raptou. Já devia saber disso” (FOWLES, 1980, p.32). E com essas palavras deixava claro que nunca seria capaz de amá-lo, ou de ser a sua companheira de vida porque ele se tratava de um louco, por mais que tenha sido gentil e amável com ela, ela nunca seria capaz de amar alguém que obrigasse ela a conhecer, gostar e amar.

Por outro lado, compreendemos que o personagem começa a associar o seu amor por Miranda a um sinônimo de dor, que de acordo com as contribuições de Colasanti (1984), não podemos ter a ilusão de que só existe felicidade quando se ama. Uma relação amorosa não está isenta de lágrimas e sofrimento. Segundo Nasio (2007) quanto mais se ama, mais se sofre. O amor, muitas vezes, pode ser sinônimo de dor por trazer tristeza e sofrimento com a separação e em alguns casos se transforma em neurose, o amor passa de um sentimento para doença.

Doravante, podemos notar o sofrimento que o personagem vivenciou quando ele diz: “não sei explicar o que senti, mas tive de sair de perto dela; era como se Miranda me estivesse

magoando. Fechei a porta e deixei-a. Nem sequer lhe disse boa noite” (FOWLES, 1980, p.32). E desse jeito se transcorreu uma sequência de desenganos ao qual ele se via preso a ela, e ela não lhe oferecia nenhuma garantia de afeto ou mesmo amor, fazendo-o sofrer.

Para entendermos a dor e o sofrimento que o personagem vive nesse novo estágio de amor por Miranda, utilizaremos das contribuições psicanalíticas de Nasio (2007), que em suas elaborações teóricas nos explica o processo da dor da separação de um amor na vida de uma pessoa. Para Nasio, o amor não se dissocia da dor e as pessoas estão sujeitas a passar por golpes sucessivos de dor psicológica diante de uma separação. Disto notamos que a diluição gradativa das fantasias de Frederico na convivência com Miranda. Os dias de confinamento da amada, mesmo com todo cuidado de atender todos os pedidos delas, comprando tudo que ela precisasse, Frederico percebe que ela nunca o amaria e restando viver subjugado nessa dualidade de amar e sofrer.

Logo, o objeto de amor do personagem é um ser amado e odiado. Podemos refletir sobre essa ambivalência amor/ódio a partir da psicanalista Kehl (1987) no que se refere ao reflexo das fantasias narcísicas no inconsciente da vida adulta. Quando as coisas não lhe agradam o sujeito desenvolve um mecanismo de canalização do desejo chamado de repressão, e viverá em uma ambivalência onde o amado e odiado podem ser um só. Ademais, podemos compreender que o personagem esperava apenas amar Miranda, e quando passou a odiá-la, se viu em uma relação insuportável.

A princípio, as dores psicológicas que o personagem vivencia são derivadas de um amor perdido. Conforme explica Nasio (2007), a dor de amar é dor de separação. Eventualmente a pessoa acha que está passando por uma prova para enfrentar as dificuldades e se ver em paz com o seu amor, quando na verdade é a própria separação. E nesse sentido vemos que Frederico tinha medo de perder Miranda e não queria se separar dela, acreditando que era só um momento difícil, e podemos entender essa dor de separação quando ele diz: “Miranda olhou-me com uma expressão feroz e irada, voltando para junto da poltrona” (FOWLES, 1980, p.26).

Dessa forma, diante da citação anterior do personagem, notamos que ele sofre uma desilusão com Miranda, e a partir das ideias de Nasio (2007) podemos considerar que o amor do personagem pela jovem vai se despedaçar por tanta ruptura de suas fantasias de maneiras súbitas. Que, por conseguinte, torna-o transtornado e obriga-o a se reconstruir a cada desilusão que provoca cada vez mais a quebra do elo amoroso e o faz ter medo de uma provável separação.

Segundo Nasio (2007), quando o sujeito se vê sozinho com seu sentimento passa a sentir a dor de abandono por não ser correspondido, e essa dor se dá pelo rompimento da ligação amorosa intensa sob forma de sensação de harmonia com o ser amado. Desse modo, podemos supor que o personagem Frederico se encontrava abandonado por Miranda, porque ela não nutria nenhum sentimento por ele e muito menos empatia, tornando o sentimento de harmonia inicial que ele tinha por ela destruído.

Conforme vimos no primeiro capítulo, a dor de amar do personagem, se associa a dor psíquica, compreendida por Nasio (2007), como tendo três dimensões: uma dor que se adere a categoria do afeto, dor diante do sintoma e dor diante do objeto de prazer. Trazendo essas dimensões da dor para a trama, vimos que eventualmente o personagem passa pelas três dimensões de dor, tornando-se um ser atormentado e infeliz.

Consideramos que o personagem era o único que tinha afeto na convivência com Miranda, e o seu afeto por ela seguia um estágio de decepção e recuperação do sofrimento que ela provocava com o seu desprezo e raiva dele. Os esforços para fazer da jovem a sua companheira não foram bem-sucedidos, levando o personagem a ser submergido em outra dimensão da dor psíquica, a produção de sintomas. Frederico era atormentado por enxaquecas e mal-estares derivados do sofrimento inconsciente, conforme evidencia sua fala: “aquilo tudo era irreal. Eu sabia que ela estava fingindo, da mesma maneira que eu. Senti uma terrível dor de cabeça. Corria tudo mal” (FOWLES, 1980, p.75).

Curiosamente, podemos destacar que não só o personagem se insere nas duas categorias anteriores da dor psíquica esclarecida por Nasio (2007), mas também vivenciou a dor que se remete a perversão. E este fato fica claro quando ao se ferir por um machado que Miranda jogou sobre sua cabeça, ele compreende a dor como algo prazeroso ao trazer felicidade, quando ela passa a afirmar:

Perguntei-lhe se queria alguma coisa: disse que só desejava que eu comprasse um desinfetante mais poderoso e uma pomada especial para minha ferida. Sorriu-me um pouco ao entregar-me a bandeja. Não parece uma coisa muito importante, mas marcou uma grande mudança. Quase me fez pensar que valera a pena ser ferido. Sentia-me verdadeiramente feliz. Como se o sol tivesse surgido de novo (FOWLES, 1980, p.84).

Doravante, acreditamos que a dor de amar Miranda desencadeou múltiplas reações em Frederico, fazendo-o, imaginar prazer até mesmo no ponto mais aterrorizante das brigas que eles tiveram. O personagem se via iludido e ao mesmo tempo desenganado, porque sempre tinha esperança que ela poderia mudar e aceitá-lo, no entanto, o comportamento da moça sempre provava o contrário deixando-o desiludido.

Nesse sentido, de acordo com Nasio (2007), a vivência de múltiplas reações de dor psíquica, desencadeia uma tensão inconsciente com variações extremas levando o sujeito a sentir emoções dolorosas e sensações de desprazer em forma de afeto no consciente. De modo que o 'eu' interpreta os sentimentos captando as modulações pulsionais que se dirigem para a tela da consciência sobre forma de emoções. Para o teórico quando acontece a ruptura com o companheiro amoroso, passa a inoperar o princípio que regula o prazer, podendo o desprazer ser uma sensação de tensão pulsional aumentada na consciência. E para podermos perceber os níveis de emoções dolorosas mediante as modulações pulsionais do personagem, analisemos essa afirmação a seguir de Frederico:

Não dormi muito nessa noite, preocupado com o rumo que as coisas haviam tomado. Eu dissera-lhe demasiado, logo no primeiro dia, e fizera uma triste figura. Houve momentos em que cheguei a pensar em libertá-la e em leva-la para Londres, como ela desejava. Mas depois pensava na sua beleza e naquela trança caída até a cintura, na sua maneira de andar e nos seus olhos tão claros. Depressa compreendi que não a podia deixar partir (FOWLES, 1980, p.32-33).

O fato de não conseguir dormir já nos mostra que o personagem se viu arrependido das ações que tomou, porque percebera que fora uma ideia absurda em tornar Miranda a sua prisioneira. Sua expectativa era de que mesmo não lhe dando liberdade, ela poderia conhecê-lo, passar a compreendê-lo e se apaixonar por ele. Nessa via, Frederico percebe o erro que cometera e suas emoções se transformam em um estado de desengano, culpa e arrependimento por não se ver sossegado. Percebendo, portanto, que prendia alguém que fazia todo o possível para destruí-lo verbalmente e fisicamente jogando coisas sobre ele, o que nos leva a considerar que sofreu golpes sucessivos de dor psicológica.

Com efeito, de acordo com Nasio (2007), a dor de amar passa ser uma dissociação do laço íntimo com o outro na própria convivência, tornando o objeto de amor igualmente amado, odiado e angustiante. Há um dilaceramento da alma ao se romper o princípio do prazer desencadeando sofrimento. Nessa via crucis, a pessoa luta para se reencontrar, a dor vai surgir como uma reação de defesa contra o trauma vivido com a separação. Logo, o sujeito vai se ocupar para fazer uma preservação da representação do ser amado que se dissociou com o trauma vivido na separação.

Em sintonia com as ideias anteriores de Nasio (2007), podemos considerar que o personagem teve um rompimento do princípio de prazer mediante a dissociação do laço íntimo criado com a convivência. Com isto, sua dor surgiu como defesa do trauma da separação e fez com que ele desenvolvesse os dois movimentos de defesa contra o trauma sofrido e desinvestisse da imagem soberana que ele fantasiava de Miranda. De modo que ele

se afastou da efígie real da amada que outrora foi soberana e passou a superinvestir em fotografias dela, pinturas e objetos para compensar a ausência da amada que não era mais a mesma por ele acreditar que ela estava louca.

Entretanto, em favor das contribuições de Nasio (2007), podemos compreender que o personagem passa pelo processo de desinvestimento como uma dor surgindo mediante a lembrança da perda da própria amada. E essa lembrança carregada de afeto, toma forma clínica paralisante e torna-o superinvestimento em algo pervertido e repugnante, deixando-o oprimido por saber que aos olhos de Miranda era errado. Nessa via, a lembrança da amada que ele perdeu devora parte do ser do personagem e o faz se sentir estranho com a outra parte dele que a superestimava.

Dessa maneira, para Nasio (2007), quando acontece uma representação estranha do ‘eu’ isso desencadeia em um lentíssimo processo de luto pela redistribuição de energia psíquica em forma de desinvestimento progressivo. Eventualmente, a pessoa se desvincula aos poucos da representação saturada do amado perdido e passa a conciliar com as demais representações. Com efeito, compreendemos que pelo fato do personagem se sentir estranho com os superinvestimentos que representavam Miranda, passou a ter uma redistribuição de sua energia psíquica formando um desinvestimento progressivo que foi o causador desse luto.

Em resumo, notamos que o personagem passa pelos três aspectos de tempo da dor psíquica esclarecido por Nasio (2007), sendo elas: a ruptura com o ser amado desencadeando uma dor própria; em seguida, a comoção psíquica que gera uma dor inerente da dor anterior; e a reação, ao suscitar a uma dor como defesa reflexa das dores anteriores. Partindo desses três aspectos, percebemos que inicialmente a ruptura pode ser entendida quando Frederico descobre que ao invés de Miranda confiar nele, ela estava muito assustada. Provocando como resultado, uma dor psíquica e deixando o personagem transtornado, como na citação a seguir:

*“Querida mãe. Raptada por louco. F. Clegg. Funcionário Anexo Câmara Municipal que ganhou apostas mútuas futebol. Prisioneira porão casa antiga isolada data sobre a porta 1621. Colinas. A duas horas de Londres. Sã e Salva, por enquanto. Assustada. M.”*

Fiquei verdadeiramente zangado e chocado, não sabendo bem o que havia de fazer. Por fim, perguntei-lhe se estava mesmo assustada. Miranda não respondeu, limitando-se a assentir com a cabeça (FOWLES, 1980, p.61).

A partir da contribuição do psicanalista Nasio (2007) podemos considerar que como um resultado da ruptura da confiança, o personagem passa a desenvolver um estágio de comoção psíquica, no qual é gerado uma dor própria fazendo ele se sentir intrigado pela nova realidade. E assim, passa a perceber que se trata de um monstro para a sua amada e se comove

com a situação, percebendo o clima ruim que foi gerado, e buscando entender o mal que causou na vida da jovem.

Uma nova fase da dor psíquica é gerada a partir da comoção e pode ser compreendida quando o personagem afirma: “ – Eu confiei em você – prossegui. – Pensei que tivesse compreendido que estava disposto a ser generoso, a fazer algo que tranquilizasse a sua família. Pois bem, não gosto que me enganem” (FOWLES, 1980, p.61). E desse modo, Frederico passa a ter um novo tipo de dor psíquica que Nasio denominou de reação. Dor que se propaga como mágoa e ele decide não mais entregar a carta que ela tinha escrito para a família.

Em linhas gerais, podemos dizer que as dores psíquicas esclarecidas por Nasio (2007), que são desencadeadas tanto pela ruptura, como pela comoção e reação, causaram em Frederico variações de intensidade derivados das tensões inconscientes e exprimidas pelos sentimentos que se formaram. E essas variações são um reflexo das emoções dolorosas que o personagem passou a viver sendo sempre rejeitado por sua amada.

Nesse sentido, compreendemos que Frederico passa a ter uma ruptura do seu sentimento por Miranda, que em consonância com Nasio (2007) pode se notar que mesmo fazendo de tudo para mantê-la cativa por amá-la muito, as suas tensões emocionais desencadearam uma desregulação do princípio do prazer. O prazer de amá-la foi substituído pelo desprazer de não ser correspondido, como podemos evidenciar no seguinte fragmento;

Já não valia a pena. Miranda matara todo o romance; tornara-se igual às outras mulheres, eu já deixara de a respeitar. Nada me faria respeitá-la de novo. Não poderia voltar a acreditar na sua palavra. Fugiria, logo que tivesse uma oportunidade (FOWLES, 1980, p.94)

Portanto, o nível de insatisfação de Frederico com Miranda era extremo, tornando a convivência com ela insuportável. Dessa maneira, o personagem se encontrava em um beco sem saída por viver cada dia que seguia se torturando mais.

Ademais, acrescentamos que o sofrimento do personagem não limitou a antes e depois do rapto, porque Frederico sofreu a perda de Miranda e teve que enfrentar esse novo estágio de dor. Nessa nova fase da vida dele a dor foi altamente invasiva por tirar a pessoa que ele mais amava tão repentinamente. O último momento da trama é marcado pela dor, luto e superação do luto conforme estaremos abordando no item a seguir.

### 3.4 A PERDA, O LUTO E A TENTATIVA DE REENCONTRAR MIRANDA EM OUTRA MULHER

“Soube então que Miranda estava morrendo, soube-o durante toda a noite. [...] Fiquei ali, sempre a seu lado [...] Pensando na minha infeliz vida, na vida de Miranda, e em todo o resto”

(FOWLES)

Partindo do pressuposto do sofrimento do personagem Frederico por amar a personagem Miranda no romance *O colecionador* (1980), é importante considerar que na narrativa ele nutria sentimentos tanto pelas borboletas como por Miranda. No mais, ao matar as borboletas para poder colecionar, o personagem não sentia remorso e não ficava sentindo a perda nem sofrendo ou mesmo ficando enlutado, e disto compreendemos que Miranda se tratava da posse mais valiosa que Frederico possuía, de forma que sua morte o destruiu.

Fazendo uma releitura da visão psicanalítica de Kehl (1987) quanto a perda do ser amado é importante destacar que os efeitos que causam são demasiados extremos quando não se supera a separação com o ser amado. Com finalidade, a pessoa fica sujeita a considerar a própria morte ou a morte do ser amado para acabar com o sofrimento e não sofrer a perda do outro em vida. A dor da perda por morte tende a ser menos cruel do que a dor do abandono e da rejeição.

No que diz respeito ao prazer com a morte, André Martins na obra *Pulsão de Morte? Por uma clínica psicanalítica da Potência* (2009) com base em Freud sinaliza que esse princípio está presente na origem de todo funcionamento psíquico. De modo que se se trata de eventos mentais em um curso de tensão desagradável.

Martins (2009) destaca que transcorrendo pelo vocabulário de psicanálise de Laplanche e Pontalis, o termo de pulsão de morte elaborado por Freud, é compreendido como “uma categoria fundamental de pulsões que se opõem às pulsões de vida e que tendem à redução completa das tensões, isto é, a reconduzir o ser vivo ao estado inorgânico” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1994, p.371 apud MARTINS, 2009, p.222). Essas tensões de morte se direcionam de início para o interior do sujeito provocando a autodestruição, podendo de forma secundária, ser movido para o exterior como manifestação em forma de agressão ou destruição do outro.

Dessa maneira, Martins (2009), esclarece que as pulsões de morte são fundamentais porque se opõem as pulsões de vida que buscam prolongar a vida orgânica e as suas tensões. Ao passo que as tensões de morte por serem pulsões que tendem a uma redução completa das

tensões psíquicas e orgânicas vão reconduzir o ser vivo para o estado inorgânico da morte. Disto, se entende que as pulsões de morte são internas ao indivíduo e busca levá-lo ao seu estado inorgânico, quando não, o sujeito pode desviar a pulsão de si mesmo para evitar a sua morte e realizar de uma forma secundária agredindo ou destruindo algo externo.

Dessa maneira, reconhecemos que o comportamento de Frederico tem sintonia com a pulsão de morte. Para Kehl (1987) quanto ao princípio prazeroso na morte ao matar o ser amado para evitar a solidão, ao qual no caso do personagem seria evidente se a polícia descobrisse que ele estivera mantendo Miranda prisioneira no porão. De modo que o personagem estava preparado para matar Miranda, caso lhe fosse necessário, mas não se encontrava disposto a perder-la por um motivo que não fosse ele mesmo a causa. E podemos constatar esse episódio da narrativa quando Frederico declara:

Certa vez, tive um sonho terrível: a polícia surgira inesperadamente, e eu tivera de matar Miranda antes de os agentes entrarem no quarto. Parecera-me ser meu dever fazê-lo, e o único instrumento que encontrara para a matar fora um almofadão. Bati-lhe e bati-lhe com o almofadão, e Miranda ria e ria, sem se poder dominar. Tive então de saltar para cima dela e asfixiá-la. Quando me levantei, julgando-a morta, ela começara a rir de novo. Acordei a transpirar, pois nunca antes sonhara assassinando alguém (FOWLES, 1980, p.69)

De fato, observamos que não somente o personagem era capaz de matar a sua amada, como também tinha tendência para a pulsão de morte por autodestruição, que mediante Martins (2009), se dá devido as tensões desagradáveis no funcionamento psíquico direcionando o nosso ser para o estado inorgânico da própria morte. Nessa direção, verificamos que Frederico possuía tanto pulsão de morte para a autodestruição como também para destruição de coisas externas a ele, como é possível observar essa atitude do personagem nos trechos a seguir:

O melhor que eu teria a fazer seria suicidar-me, e os outros, depois, que pensassem o que quisessem. [...] Eu estaria para sempre fora de qualquer problema.  
[...] Seríamos enterrados juntos. Como Romeu e Julieta.  
Seria uma verdadeira tragédia. Não uma tragédia sórdida.  
Respeitar-me-iam, por certo, se eu procedesse assim. Se eu destruísse as fotografias, bastaria isso, ninguém pensaria mal algum sobre qualquer um de nós dois... seria trágico, verdadeiramente trágico (FOWLES, 1980, p. 231)

Em consonância com as ideias psicanalíticas de Martins (2009), pode se captar que no personagem a tendência para a autodestruição se deu devido à perda de Miranda. Já para o caso de pulsão de morte para coisas externas, se consolidou diante da decisão de destruir as fotografias de Miranda e, assim, deslocou a pulsão de morte de si para um objeto de comparável valor de importância.

A perda de Miranda para o personagem não só se deu pela falta de compatibilidade tornando a relação deles terrível, mas foi se moldando a partir da fraqueza da jovem que não conseguiu se recuperar de uma pneumonia. Desse passo em diante, o personagem passa a vivenciar o processo da morte de Miranda sem acreditar que estava perdendo-a por completo.

Nessa via, reparamos que como parte do processo de perda o personagem em questão vivencia o luto por Miranda, ao qual nas palavras de Nasio (2007) se destaca por aflição da morte do ser querido. De forma que é possível se observar a aflição do personagem diante da morte de Miranda quando ele afirma:

Entretanto, Miranda estava dentro do quarto, sobre a cama. Achava-se deitada, em silêncio. Toquei-lhe. Estava tão gelada que tive um choque. Eu ainda não podia compreender que fosse verdade: que ela estivesse viva nessa manhã, e agora ... morta. Pensei nela lendo, desenhando, tricotando. E agora ... isto!  
Depois, algo moveu-se na outra extremidade do porão perto da porta. Deve ter sido o vento. Qualquer coisa dentro de mim. Perdi a cabeça. Corri para o jardim e cheguei mesmo a tropeçar nos degraus do porão, quase caindo. Fechei bem a porta e voltei para dentro de casa, fechando tudo muito bem, portas e janelas, tudo (FOWLES, 1980, p.230)

Freud (1996) aponta que o luto se desencadeia como reação a perda do ente querido, ao qual o enlutado desenvolve desinteresse pelo mundo e se preocupa unicamente com a pessoa que partiu. Dessa forma, notamos que a preocupação de Frederico estava voltada para se matar e seguir o mesmo destino da amada.

Na concepção de Freud (1996), o sujeito passa a sentir uma dificuldade em adotar um novo objeto de amor quando está em luto e, eventualmente, se afasta de atividades que não dizem respeito a pessoa que morreu. Desenvolvendo, portanto, uma inibição e circunscrição de seu ego como devoção exclusiva do luto. Dessa forma, é possível se constatar que a determinação do personagem Frederico para acabar com sua vida se dá pela devoção bidimensional que ele sente por Miranda, ao buscá-la mesmo após a morte ele passa a escolher acabar com todas as suas coleções de borboletas para poder se voltar para Miranda.

Ademais, a narrativa do romance traz uma reviravolta que muda todos os planos do personagem para a realização de seu suicídio, ao passo que associa o luto de Frederico com a inocência do conhecimento dos reais sentimentos de Miranda por ele. Ao encontrar o diário dela comprovou que realmente não teria a mínima chance de ser amado por ela, porque ela amava outra pessoa e o odiava, assim, o luto é superado.

Em virtude do diário, o personagem percebeu que o erro não fora dele de Miranda ter morrido e que se deu porque Miranda era uma jovem muito estudada e inteligente. Valendo-se da nova premissa que para seu plano dar certo ele teria que encontrar alguém que pudesse

educar e não ser subjugado aos caprichos e desejos dessa pessoa. Dessa forma, Frederico percebera que ele devia mostrar quem era superior e que deveria realizar as suas fantasias obscenas a qualquer custo.

Sobre o processo de superação do luto, Freud (1996) ressalta que o enlutado passa a cortar as ligações libidinais com o objeto causador do luto doloroso ao qual vai perceber que poderá substituir o ente querido. Com efeito, o sujeito vê que pode substituir o ente perdido de uma forma tão intensa que a nova pessoa pode se tornar um desvio da realidade e apego mediado por uma psicose alucinatória completa de desejo.

Em síntese, pode-se destacar que em consonância com as discussões de Freud (1996) o personagem Frederico cortou ligações libidinais com Miranda por não mais se preocupar com os restos mortais dela ou mesmo com o pedaço de cabelo e o diário que ele guardou da amada. Passando, portanto, a desviar o seu demasiado desejo libidinal para Marian ao qual se encaixa no perfil de Miranda e era um reflexo de suas novas fantasias ao buscar alguém que não fosse estudada e inteligente para poder ceder ao domínio do personagem de uma forma intensa porque o que ele desejava agora era se voltar para o interesse sexual.

Nessa via, se torna possível supor que, talvez, o interesse do personagem Frederico por Miranda não tenha sido unicamente derivado do amor que ele sentia por ela, por esta ser uma mentira que ele criara para torná-la prisioneira. No entanto, pode-se notar que o seu interesse sexual por uma jovem que considerou rara e pura, é uma possibilidade da raiz da obsessão do personagem em análise. No mais, pode-se constatar que ele buscava realizar os seus desejos mais perversos ao sonhar passando dos limites com Miranda na cama por pegá-la a força ou mesmo fotografando ela nua e amarrada.

Podemos supor que o personagem vivia em busca de uma falsa fantasia amorosa para poder se satisfazer sexualmente. De modo que isso fica claro quando encontramos ele depois da morte de Miranda, procurando uma substituta que fosse reflexo da anterior em questão de beleza e que não fosse capaz de argumentar contra ele. Disto, é possível perceber Frederico como um fanático sexual que por ser fraco emocionalmente não sabe sustentar uma relação amorosa normal sem abusos e perversões, nem mesmo é capaz de ter envolvimento sexual por não saber controlar os seus desejos e o que o ser desejado espera.

Dessa forma, encontramos Frederico em um novo estágio de sua obsessão libidinal ao encontrar Marian que por ser jovem, humilde e com baixa educação se torna o novo alvo de posse e controle para ser confinada e abusada. Podemos inferir que a máscara ao qual Frederico criou visando a busca de um amor caiu por terra, por ele nos deixar claro que agora

mais do que nunca mostraria quem está no controle e que realizaria todos os seus desejos sexuais marcados por sua mente criativa perversa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho é fruto da proposta de compreender a dimensão do amor obsessivo do personagem Frederico Clegg no romance *O colecionador* (1980), por John Fowles. A obra é marcada por uma trama amorosa ao qual buscamos analisar em particular por um viés psicanalítico tomando como suporte principal as contribuições de Freud (1996), Kehl (1987) e Nasio (2007) quanto a questão da dor psíquica de amar e não ser amado.

Na narrativa em questão temos a voz narrativa de Frederico em três capítulos da obra e a voz narrativa da personagem Miranda Grey como a perspectiva da mulher amada de Frederico. No todo, encontramos um homem loucamente apaixonado por uma jovem ao ponto de não controlar os seus sentimentos e decidir raptá-la a para poder torná-la sua hóspede (prisioneira). De modo geral, o resultado do rapto gera ódio em Miranda, e se sujeita a desistir da própria vida deixando o personagem aterrorizado ao ponto de buscar um reflexo da amada perdida em uma nova mulher.

Analisando o sentimento do personagem Frederico por Miranda, supomos que ele buscava incessantemente suprir a dependência amorosa. Dependência que o psicólogo Riso (2017) destaca como apego afetivo irracional derivado do medo da perda do ser amado. Nessa perspectiva, observamos a partir das contribuições do psicanalista Freud (1996), que a dependência amorosa pode ser oriunda da relação afetiva da criança com os pais na infância. Para Freud quando o sujeito teve uma relação triangular Pai-Mãe-Filho malsucedida, fato que gerou uma sensação de desamparo e abandono que irá repercutir em suas relações amorosas na idade adulta.

Destacamos que a natureza do amor de Frederico por Miranda é designada por uma obsessão amorosa que o leva a elaborar um plano em sua mente fértil de captura da jovem. Disto, percebemos que as atitudes do personagem têm ressonância com as ideias de Kehl (1987) quanto a capacidade do sujeito neurótico obsessivo ao elaborar diversificadas formas de perversão para sentir prazer. Certamente, ao capturar sua amada, notamos que o personagem entende o amor como posse. Segundo Riso (2017), o amor como posse surge da incapacidade do sujeito de controlar os próprios sentimentos partindo para a dominação do ser amado.

Com base nas considerações psicanalíticas de Nasio (2007) quanto a dor do amor podemos inferir que o personagem passou por uma dor de separação com golpes sucessivos de dores psicológicas por ter suas fantasias destruídas na convivência com a jovem amada.

No decorrer da trama, constatamos que a relação do personagem Frederico com Miranda, tornou-se insuportável: ele não conseguiu ser amado, pelo contrário, ela nutria sentimentos de raiva e desprezo por ele. E isso se direcionou para um nível de desprazer no qual Nasio (2007) ressalta como um caos nas tensões emocionais por sofrer modulações agitadas que desencadeiam em desprazer em níveis aumentados. Desse modo, Frederico teve uma ruptura do elo amoroso por Miranda desprezá-lo, e passou por um processo de perda ao Miranda morrer e o deixar sozinho.

Ademais, acrescentamos que o personagem mediante a aflição da perda de Miranda, vivenciou o luto, processo marcado pela dor psíquica causada pela ausência física do outro. Para Freud (1996), o enlutado desenvolve o desinteresse pela vida e sente dificuldade em substituir o ente perdido. Mas após um certo período de tempo o sujeito supera o luto e liberta o ego para alimentar a libido em um substituto do ente querido. Assim, passamos a encontrar o personagem em nova busca desenfreada para alimentar o seu desejo em amar alguém que seja reflexo de Miranda.

Com finalidade, consideramos que este estudo ao se voltar para uma análise literária do romance em questão, não se prendeu apenas a um olhar literário, tendo em vista que buscamos refletir o comportamento dos personagens sob o olhar psicanalítico. Acreditamos que esse estudo, não é conclusivo mas abre caminhos para novas propostas concernentes ao diálogo entre literatura-psicanálise. Nessa perspectiva, concordamos com Freud (1996) quando ele destaca o papel importante de obras literárias para a compreensão de fenômenos psicológicos humanos.

## REFERÊNCIAS

- BAKER, James R. John Fowles, **The Art of Fiction No. 109. The Paris Review**, c2019. Disponível em: <https://www.theparisreview.org/interviews/2415/john-fowles-the-art-of-fiction-no-109-john-fowles>. Acesso em: 25 out. 2019.
- COLASANTI, Marina. **E por falar em amor**. Rio de Janeiro: Editora Rocco LTDA, 1984.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. –Tradução Eduardo Brandão. – 2ª.ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- FOWLES, John. **O colecionador**. Tradução de Fernando de Castro Ferro. – São Paulo: Abriu Cultura, 1980.
- FREUD, Sigmund. **Cinco lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)**. In: Edições completas de Sigmund Freud. Vol. 11. Rio de Janeiro: Imago editora, 1996.
- \_\_\_\_\_. Luto e Melancolia (1914-1916). In: FREUD, S. **A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos**. ESB Vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Totem e Tabu e outros trabalhos (1913-1914)**. In: Edições completas de Sigmund Freud. Vol. 11. Rio de Janeiro: Imago editora, 1996.
- FROMM, Erich. **A arte de amar**. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia limitada, 1995.
- GOOSMANN, Bob. **Biography of John Fowles**. John Fowles, the website: Articles, News, First editions for sale and More, c2019. Disponível em: <https://www.fowlesbooks.com/biography-f-john-fowles/> Acesso em: 25, out, 2019.
- KEHL, Maria Rita. A psicanálise e o domínio das paixões. In: CARDOSO, Sérgio et al. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das letras, 1987
- MARTINS, André. **Pulsão de morte? Por uma clínica psicanalítica da potência**. Rio de Janeiro Editora UFRJ, 2009.
- NASIO, Juan-David. **A dor de amar**. – (Tradução de André Telles e Lucy Magalhães). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- PLATÃO. **O banquete**. Tradução notas e comentários de Donaldo Schuler. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.
- RISO, Walter. **Amar ou depender? Como superar a dependência afetiva e fazer do amor uma experiência plena e saudável**. – Tradução de Marlova Aseff. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.